

Arte em processos simbióticos: recriando fronteiras

ELUIZA BORTOLOTTO GHIZZI

Transformação e Realidade: mundos convergentes e divergentes de Dulcimira Capisani (org.). Campo Grande, MS: PROPP/CEAD/UFMS/Departamento de Comunicação e Artes, 2001, 436p.

Resumo As atividades voltadas para explorar poética e cientificamente a relação da arte com as tecnologias de informação têm estado intimamente ligadas no mundo hoje, caracterizando um momento em que ambas trabalham sobre bases altamente experimentais. A pesquisa torna-se construção de suas próprias referências em um tempo em que práticas e conceitos já consolidados não satisfazem nossas perguntas sobre nossa relação com o mundo. Este texto trata das produções neste campo que constam do livro *Transformação e Realidade: mundos convergentes e divergentes*, organizado por Dulcimira Capisani, contendo trabalho de diversos autores e em diferentes áreas.

Palavras-chave tecnologias da informação, artemídia, linguagens da comunicação, meios de comunicação de massa.

Abstract The activities geared to explore poetically and scientifically the relationship of the art with the information technologies have been intimately connected in our world today, characterizing a moment in which both of them work on highly experimental bases. The research becomes construction of their own references in a time in which practices and already consolidated concepts do not satisfy our questions about our relationship with the world. This review is about the productions in this field which are included in "Transformation and Reality: convergent and divergent worlds". Organized by Dulcimira Capisani, this book presents works of several authors work and in different areas.

Key words informational arts and technologies, languages of communication, media

Os textos organizados por Dulcimira Capisani em *Transformação e Realidade: mundos convergentes e divergentes* caracterizam o livro como uma espécie de *lugar* em que se reúnem pesquisadores de diversas áreas para levantar suas “vozes” sobre nossa(s) realidade(s). Insere-se no momento “explosivo” que estamos vivendo, como parte dele, existindo nele, enquanto se concretiza nos textos e/ou imagens. Dinamizando-o enquanto lemos, entramos no diálogo proposto, vamos além. É lugar de uma pluralidade de pensamentos “em processo” e “sobre processos”.

Os pesquisadores trabalham especialmente no campo da arte, tendo como tema maior (abordado em grande parte dos textos) os diálogos que se estabelecem hoje no mundo entre as artes e as tecnologias de informação. Parte dos textos, todavia, desvia o centro de suas atenções para outros diálogos culturais em andamento. A partir do foco central, as escrituras desenvolvem temas diversos: realidade, representação, virtualidade, materialidade, subjetividade, percepção, interação, processos cognitivos e complexidade são alguns dos conceitos que se tornam alvo de questões intrigantes e instigantes. As mediações por computador, televisão, corpo, rádio, arquitetura, fotografia, música, documentário, design e suas linguagens e potencialidades poéticas são problematizadas sob novas perspectivas, em abordagens sincrônicas e diacrônicas.

Duas artistas, Irene Faigenboim e Josephine Coy, expõem e têm sua arte comentada no livro. Irene Faigenboim, em *Ensaio de computação gráfica* (pp. 233-239), expõe um conjunto fotográfico em que, conforme a crítica de Maria Heloisa Toledo Ferraz e Antônio Medina Rodrigues, une “pesquisa plástica [...] com as experiências da arte e da tecnologia”. Josephine Coy incorpora no seu trabalho, reunido sob o título *Transmigrations* (pp. 385-396), a linguagem escrita, focando especialmente sua ambigüidade e/ou seu potencial criativo. Busca explorar poeticamente nossa relação com a linguagem, expressando assim “algo do seu mistério”.

Além das imagens das artistas, muitas outras acompanham os textos, algumas delas produções dos próprios pesquisadores que lidam na sua prática artística com as mudanças emergentes, além de refletirem sobre sua experiência ou suas propostas enquanto escrevem. O livro inclui também uma resenha crítica da publicação de Arlindo Machado *Máquina e Imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas* (pp. 347-354), de Cleci Maraschin, destacando a discussão do autor sobre as relações entre técnica e arte, especialmente a dissolução de fronteiras entre arte e ciência, quando se trata de pensar na perspectiva das inovações tecnológicas, bem como das mudanças nos modos de percepção e ideologias incutidas nas “máquinas semióticas”.

Os autores alternam visões mais gerais com outras mais específicas, de uma

escritura para outra ou na mesma escritura. Em *"Arte computacional e devir"* (pp. 15-29), Tânia Fraga refere-se aos objetos virtuais interativos, refletindo sobre as mudanças práticas e conceituais associadas à arte mediada por computador. A autora pensa essa prática artística como localizada entre dois mundos: de um lado, o da matemática, base das linguagens computacionais e, de outro, o "das realidades poéticas criadas e seu permanente devir". Estabelece-se aí uma relação que, a um só tempo, abre novas possibilidades de expressão e exige desenvolver outras habilidades, redefinir metodologias, repensar paradigmas e conceitos.

A imagem artística mediada por computador também é analisada por Mônica Tavares, em *A especificidade da imagem interativa* (pp. 31-53). Seu trabalho volta-se para uma especificidade na relação obra-receptor que é particular ao que temos chamado de "imagem interativa". Usa como referência, entre outros, o processo de comunicação que se estabelece nas obras, bem como as funções a ele associadas: expressiva, conativa, referencial, fática, metalingüística e poética, conforme Jakobson. A análise leva a evidenciar "a especificidade de um tipo de imagem interativa, que se configura na dominância da função poética, contudo necessariamente articulada na dialética com a função conativa [...] [apta a] inserir o receptor como possível agente da re-criação da obra".

O *The moist Manifest* inicia a escritura de Roy Ascot, *"Art @ the edge of the net: the future will be moist!"* (pp. 55-71). Nele, "espaço", "arte", "realidade", "mídia", "tecnologia", "vida", "mente", "design" são apresentados como envolvendo elementos habitualmente entendidos como opostos — tais como o digital e o biológico, o físico e o psíquico — coexistindo em uma relação que lhes "corrói os limites", metaforicamente chamada *moist*, porque híbrida, como o *úmido* em relação ao seco e ao molhado. O autor aponta os estudos de linguagem como base para o entendimento dessa *outra* condição das coisas, especialmente a compreensão de que "linguagem não é meramente um dispositivo para comunicação de idéias sobre o mundo, mas uma ferramenta para trazer o mundo à existência". Pensa as novas poéticas a partir do pragmatismo de Rorty, fala de "cultura pós-biológica" e de uma organização de pesquisa voltada para uma "arte pós-biológica". Apresenta a idéia do *planetary collegium*, uma projeção das nossas universidades para o espaço pós-institucional do século XXI, onde o hibridismo caracterizado no *The Moist Manifest* se faz presente.

Ações e modos de presença à distância são temas desenvolvidos no texto *Utilizações artísticas de webcam: projetos Viridis e Colunismo* (pp. 73-89), de Gilberto Prado, que escreve sobre a relação "participante-informação-suporte tecnológico" na comunicação mediada por computador e pelo ambiente de rede, além de anali-

sar trabalhos artísticos que exploram a tecnologia de webcam na rede internet, entre eles, *Depois do Turismo vem o Colunismo e Viridís*. O autor está preocupado em investigar as possibilidades lógicas e poéticas, bem como a renovação de temas e conteúdos, dos hábitos de percepção, compreensão ou modos de aprendizado e ação, envolvidos nesses processos de comunicação.

Outra perspectiva de análise dos modos de presença à distância é tema da escritura de Yvana Fechine: *A transmissão direta como um modo de presença: uma aproximação semiótica do problema* (pp. 91-113). A autora investiga na televisão as transmissões em tempo real e sua capacidade de despertar nos espectadores o sentimento de estarem "conectados". Essa transmissão é associada a "um tipo de experiência coletiva, inaugurando um novo modo de presença [em sentido semiótico] à distância (tele)". O "texto televisual", instaurador de um sentido da ordem do "vivido", é denominado "texto em situação": "um tipo particular de texto que incorpora a sua própria situação de produção/recepção como um elemento constitutivo do sentido do qual ele é depositário". O tipo de enunciação que participa deste texto pode ser observado em outros que antecederam a TV, como o telefone ou o rádio, em mídias posteriores, como o computador e as redes de comunicação digital e também nas manifestações "artísticas pautadas na construção de dispositivos interativos" ou "de natureza performática", o que torna a escritura importante para refletirmos sobre nossa noção de "presença".

Ivani Santana em *Corpo de sempre: novo corpo sempre. Corpo/tecnologia: simbioticamente outra dança* (pp. 115-129), trabalha a simbiose "dança-tecnologias de informação", onde "co-evolução", "co-existência" e "co-variação" são termos adequados à análise. Seu ponto de vista requer o entendimento do corpo como "mídia", capaz de transformar/criar informações. Conforme escreve, o "corpo de sempre [...] mas entendido à luz de novos conhecimentos" permitiu dois "afluentes" na dança contemporânea: de um lado, "uma nova forma de entendimento de espaço, de tempo, de estrutura, de corpo", originando um novo design de dança; de outro, "criadores – artistas, cientistas e engenheiros reúnem-se para elaborar trabalhos onde a tecnologia passa a ser um dos elementos chaves". Esta última é a abordagem sobre a qual a autora se detém, citando projetos que exploram suas possibilidades.

Os conceitos de "representação" e "simulação" ganham no texto *Realidade virtual: a simulação e a representação na arte* (pp. 132-146), de Suzete Venturelli e Maria de Fátima Borges Burgos, uma análise apropriada às discussões em arte e tecnologia. As autoras partem do modo como esses conceitos têm sido apresentados por estudiosos reconhecidos, com destaque para os sentidos empregados em realidade virtual. Iniciam buscando entender a "pertinência da expressão realidade

virtual" e traçam um caminho que passa pelos processos de interação usados recentemente na arte. A escritura inclui imagens de criações artísticas de Suzete Venturelli, que são também modos de investigação do assunto.

O uso do termo "virtual" como especificidade das imagens computadorizadas está ainda na discussão encaminhada por Margarita Schulz, em *Nuevas formas de lo verosímil: los simulacros producidos em computadores* (pp. 147-160). Adotando como tema central da escritura a noção de verossimilhança, especialmente uma nova forma de verossimilhança, construída pelos simulacros produzidos em computador, a autora busca compreender nossas maneiras de perceber culturalmente a realidade. Analisa níveis de verossimilhança na arte, diretamente relacionados com as relações que estabelecemos com as imagens, o que a leva a questionar se estamos de fato frente a um novo tipo de realidade.

Cássio Tavares e Martin Grossmann, em *"Interartes, intercríticas, internet"* (pp. 161-174), trabalham sobre a dissolução de fronteiras entre as artes, reconhecendo que a tradicional separação a partir do suporte não tem dado conta do caráter mutável, não isolado e complexo dos meios, da sociedade e da cultura. Sob essa óptica, os conceitos utilizados pela crítica devem passar por revisão que leve em conta, entre outras coisas, o caráter geral ou a "base comum de princípios sobre a qual se assenta toda atividade artística". A expressão *"interartes, intercríticas, internet"* busca concentrar a essência das idéias que os autores pretendem apresentar a esse respeito, abrigando e combinando noções de continuidade e ruptura.

Sob o ponto de vista de Cleci Maraschin, em *Subjetividade e tecnologia* (pp. 241-251), a presença das tecnologias de informação altera a ecologia humana: reconfiguram-se os modos de existir, o desenvolvimento humano, o imaginário, a construção da subjetividade, de "si", o mundo percebido, os esquemas de significação. A autora trabalha sobre essa reconfiguração da "ecologia cognitiva", que compara à reconfiguração da "ecologia oral" pelo aparecimento da escrita, esta tomada como uma "tecnologia intelectual", à semelhança do que são os nossos instrumentos de conhecimento baseados em tecnologia informacional.

No caminho de pensar a dinâmica desse processo de reconfiguração está o trabalho intitulado *O jogo e as ações estéticas* (pp. 195-230), de Dulcimira Capisani, que se faz acompanhar por fotografias digitais da autora. Incluindo uma exposição do pensamento de diversos pesquisadores sobre a idéia de jogo e a relação jogo-arte, caracteriza o universo lúdico do jogo que associa o rigor de suas regras com liberdade criativa, permitindo, na relação jogo-jogador, processos transformadores. Na arte como jogo, a autora destaca o caráter sempre incerto da interação espectador/colaborador-obra, onde o primeiro participa como co-autor, evidenciando a arte

como experiência de "comunicação estética". Outro destaque é dado às idéias de "lugar" e "tempo" no jogo artístico: o lugar definido dá espaço ao não-definido e o tempo determinado ao não-determinado, quando se instaura o processo de apreensão estética.

A complexidade da linguagem artística, combinando processos mais ou menos controlados, também é tema do texto *Arbitrariedade* (pp. 175-194), de Artemis Morani, trabalhado na perspectiva do evolucionismo. Partindo da análise da linguagem — sua participação nas relações usuário-mundo e suas transformações —, destaca tanto processos aleatórios quanto não-aleatórios: de um lado mais voltados para a variação, de outro, para a adaptação. O estudo passa das protolinguagens às linguagens artísticas: é citado o projeto *Andarilho*, "uma simulação de um sistema poético auto-organizante, crescendo num software que exhibe algumas características dos sistemas vivos" e experiências na música voltadas para obtenção de "novo material sonoro, simulando evolução para a geração de estruturas complexas".

Uma perspectiva evolucionista também está no texto *"Arquitetura como linguagem em evolução"* (pp. 355-384), de Eluiza Bortolotto Ghizzi. Trabalhando a arquitetura a partir do evolucionismo de Peirce, com foco na construção do Movimento Moderno, procura evidenciar, no processo de transformação da arquitetura nesse período, tanto a dinâmica própria do processo, envolvendo aspectos lógicos, éticos e estéticos, quanto a importância de se tratar o ocorrido de uma perspectiva que considere a complexificação da linguagem.

No texto *Divergências convergentes: a nova cultura radiofônica* (pp. 253-277), Lilian Zareba reivindica um paradigma teórico reconfigurado, voltado para a análise de um "rádio multimídia que surge calçado em novas formas de organização operacional, implicando novos modelos de transmissão e recepção". Constata uma falta de "conexão entre as "teorias" e/ou "histórias" do rádio". Na era dos meios digitais, escreve, os "inúmeros 'rádios' espalhados pela rede internet [...] [podem] ser chamados de tudo mas dificilmente de rádio". No caminho de uma revisão conceitual, o texto passa pelos primórdios desse "médium de comunicação", as origens do nome e sua relação com as idéias de "lugar" e de "transferência de pensamentos".

No contexto das mudanças na técnica e suas implicações, Júlio da Costa Feliz, em *O apreciador/consumidor de música frente às transformações ocorridas nos sistemas de gravação e reprodução musical* (pp. 279-293), relembra algumas das partes da história da gravação e reprodução musical: o uso do princípio do cartão perfurado e do sistema pneumático para executar música, o fonograma, o gramofone, a substituição dos processos mecânicos pelos eletrônicos, a gravação eletromagnética, a era digital e a música mediada por computador. A escritura apre-

senta uma espécie de arqueologia dos diferentes processos com que o homem tem trabalhado a "matéria sonora", na busca de realizar um "sonho antigo da Humanidade", o de "conservar" os sons. Neste percurso, o apreciador/consumidor vai alterando seus modos de contato com a música.

Concentrando-se nas práticas musicais que combinam a exploração de tecnologia computacional com criação artística, Fernando Iazzetta, em *A tecnologia e suas implicações na reorganização do contexto musical* (pp. 317-333), investiga essa relação. As novas práticas requerem, escreve, mais do que nunca, "a compreensão do processo de construção musical [...] para o desvendamento da obra [...]". Na análise do autor, a abordagem do fenômeno musical é, no século XX, mais "ampla e geral [...] tem no som e não mais na nota (musical), o seu domínio de produção e percepção". Cada vez mais os sons estão "desligados da materialidade dos instrumentos tradicionalmente usados em música". A difusão e produção musical têm suas relações modificadas, são transformados os papéis do distribuidor de sons, do compositor, do intérprete ou do ouvinte e até do construtor de instrumentos. Isso tudo tende "a enriquecer o espaço sociocultural [...] e ampliar o conceito daquilo que entendemos como música".

A fotografia é abordada em dois trabalhos aqui publicados. Realizando um retorno no tempo, Hélio Augusto Godoy de Souza, em *Marey e a visibilidade do invisível* (pp. 295-315), recupera para a história do documentário e da invenção do cinematógrafo os experimentos desenvolvidos por Etienne-Jules Marey — final do século XIX — conhecidos como cronofotografias. Como homem da ciência, Marey desenvolveu máquinas capazes de registrar imagens e movimento, aprimorando sua automatização, em busca da precisão. No tratamento científico da fotografia, que o diferenciou da maioria dos fotógrafos, Marey foi além do mero registro, analisando os resultados, corrigindo erros e elaborando síntese dos seus processos de análise. Além da revisão histórica, o autor propõe repensar a relação entre o real e o "documentariamente" representado, a partir da análise do caso Marey e da sua Cronofotografia, a qual permite afirmar que, "além da técnica, porém funcionalmente ligado a ela, encontra-se um método investigativo da realidade".

Em *Fotografia e Acaso* (pp. 335-345), Ronaldo Entler trata da fotografia como "uma nova maneira de ver as coisas". Sua discussão nos leva para o campo das potencialidades artísticas da fotografia, já não mais das suas potencialidades científicas. Com este foco, evidencia outro valor na fotografia, que não o "controle". Constata que o "acaso" tem vários modos de se manifestar na própria dinâmica do trabalho do fotógrafo. Essa discussão leva à compreensão da "função transformadora de recorte no tempo-espço da realidade" exercida pela fotografia. Seu

pensamento envolve as relações da fotografia com a arte, bem como os parâmetros com os quais se pensa a arte.

Richard Perassi Luiz de Sousa, no texto *Aspectos da arte na mídia e na cultura das marcas comerciais* (pp. 397-425), trata de caracterizar para essas marcas uma "cultura específica dentro do ecossistema cultural", apoiada em seu caráter delimitado, sistêmico e gerador de produção simbólica. Sob esta perspectiva, a marca ganha um caráter autônomo e "passa a atribuir valor a tudo que representa". O autor indica como fonte de valor o "mercado" e como pano de fundo "a cultura burguesa, desdobrada nas culturas de massa e de nichos". Além dessas origens, o autor buscou referências nas artes visuais, especialmente a renascentista e a maneirista, evidenciando no discurso das marcas comerciais aspectos mais objetivos, dirigidos ao receptor e outros, mais subjetivos, dirigidos ao emissor. Isto está nas bases de uma análise que envolve, entre outros, os limites entre "realidade" e "representação".

A relação da arte com a representação é também parte das análises de Tânia Mara Galli Fonseca, em *A produção da vida como obra de arte: reflexões em torno da criação do si e de mundos* (pp. 427-435). Em seu texto, reflete sobre a arte como produção de vida e do real, apontando o ato criativo como não pertencente à ordem da representação, visto que não se coloca "no lugar de algo já dado", caracterizando-se mais por ser "eminentemente produção": "criação de mundos e de si mesmo". Com isso, levanta uma reflexão sobre a "provisoriamente das formas e dos sentidos".

A atitude criadora "de mundos e de si mesmo", mais do que restrita ao campo da arte, deve ser tomada, considerando o discurso que articula as idéias dos autores neste livro, como amplamente presente na vida como um todo. Também na ousadia dos autores em apostar um pensamento sobre os diálogos artísticos da atualidade: trata-se de um ato corajoso, visto que adota postura questionadora de referências prontas, simplificadoras ou absolutas, assumindo uma atitude verdadeiramente crítica diante de seus objetos. Com isso queremos dizer que as investigações vão além do mero reconhecimento dos fatos, para criar a partir deles, tomando-os nos seus limites. Se uma das qualidades dos textos está no rigor científico, outra está no caráter livre e experimental com que buscam localizar os pontos flexíveis ... mutantes, da nossa realidade. Apenas a pluralidade temática e de pontos de vista já seria suficiente para reconhecermos o mérito desta obra. Soma-se a isto, todavia, seu desafio: dar autonomia ao pensamento para que seja expressão e criação da mudança. Simultaneamente, uma poética: ser expressão do "homem-artista", criador de mundos e de si mesmo.

ELUIZA BORTOLOTTO GHIZZI é arquiteta, professora do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e doutoranda no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

ghizzi@nin.ufms.br

Artigo recebido e aprovado em junho de 2002.